**ENCONTRO, RELAÇÃO E RECIPROCIDADE – Caminhos de uma pesquisa com crianças**

*Rejane Brandão Siqueira[[1]](#footnote-1)*

*Rosiane Brandão Siqueira[[2]](#footnote-2)*

Trabalho financiado por FAPERJ e CNPq

**EIXO TEMÁTICO:** Modalidade 2 - Pesquisas

**Resumo**

O texto apresenta breves apontamentos do caminho teórico-metodológico da pesquisa que busca conhecer e compreender as concepções de cuidado de crianças, profissionais e responsáveis. Ancorada na filosofia do diálogo de Martin Buber que aponta horizontes para um olhar de reconhecimento, percepção e compreensão do outro, optou-se por abordar práticas positivas de cuidado. A partir disso, familiaridade, indicação e índices (IDEB) nortearam a escolha dos sujeitos da pesquisa que foram observados e entrevistados individual e coletivamente, e participaram de oficinas.

Palavras chave: Cuidado, Diálogo, Relação, metodologia.

**Introdução**

Existem duas maneiras básicas de influenciar os homens no seu modo de pensar e na sua forma de viver. Na primeira, a pessoa quer se impor a si própria, impor a sua opinião de atitude [...]. Na segunda maneira básica de agir sobre o outro, a pessoa quer encontrar também na alma do outro, como nela instalado, e incentivar aquilo que em si mesmo ele reconheceu como certo; já que é o certo, então deve estar vivo no microcosmo do outro como possibilidade dentre outras possibilidades; o outro deve apenas abrir-se nesta sua potencialidade e esta abertura dá-se essencialmente não através de um aprendizado, mas através do encontro, através da comunicação existencial entre um ente que é e um outro que pode vir a ser. A primeira maneira desenvolveu-se com mais intensidade no campo da propaganda, a segunda no da educação. (BUBER, 2014, p. 149-150)

Educar e cuidar são termos indissociáveis quando a educação é encontro, conforme descreve Martin Buber no texto em epígrafe. Falar de cuidado é falar do humano, é abordar abertura e encontro na comunicação existencial. Cuidado é diálogo. É abrir-se ao outros e entrar em relação com ele e um dos caminhos possíveis para o reconhecimento dele nas ações e práticas cotidianos é abordá-lo na fala que é constituidora dos seres humanos.

É na relação que se constituem o ser humano e a consciência de si, e nesse processo constituinte as interações são fundamentais. Desse modo, a constituição do sujeito é entendida de forma contextualizada na história e na cultura, que vão sendo significadas através do social, onde um influencia e contribui com o outro e a linguagem enquanto fenômeno social serve de “trama a todas as relações sociais em todos os domínios”, sendo “o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHTIN, 2011, p. 41).

Com Bakhtin (2001 e 2011) abordamos a linguagem como centro do processo teórico metodológico no desenvolvimento da pesquisa “Linguagem e rememoração: crianças, famílias, professores/as e suas histórias”[[3]](#footnote-3) que, a partir de observações, entrevistas individuais e coletivas e oficinas com crianças de seis escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental de redes públicas no Estado do Rio de Janeiro (2016-2020), busca conhecer e compreender concepções de cuidar e ser cuidado presentes nas falas e práticas domésticas e institucionalizadas.

Para iniciar o percurso da pesquisa fomos buscar práticas positivas de cuidado a partir da observação do cotidiano de seis instituições públicas (duas creches; duas pré-escolas; duas escolas de Ensino Fundamental) que atendem da educação infantil ao primeiro segmento do Ensino Fundamental. A observação foi a bússola que direcionou a construção da metodologia da pesquisa e a partir dela foram definidos os sujeitos e as estratégias. O objetivo desse texto é trazer breves apontamentos desse percurso.

**O referencial téorico**

Cuidado é diálogo, é relação. A partir desses pressupostos foram adotados como referencial teórico- metodológico da pesquisa, os estudos de Martin Buber (2001,2004, 2014) a partir de sua filosofia do diálogo que aponta horizontes na busca por um olhar de reconhecimento, percepção e compreensão do outro e, de Mikhail Bakhtin (1988, 1992, 2011) para quem o ser humano se constitui em relação e que, com sua filosofia da linguagem possibilita abordar o cuidado na relação, e, portanto, nas relações humanas.

De acordo com Buber (2014) para adentrar a vida dialógica é preciso aceitar o outro em sua totalidade, sendo desse modo, o voltar-se ao outro é o movimento básico desse processo. Segundo o filósofo, o diálogo pode assumir três formas: o autêntico, o técnico e o monólogo disfarçado de diálogo.

No diálogo autêntico, as pessoas que dele participam se fazem presentes, ou seja, há a intenção de ouvir o outro e não apenas falar e nesse tipo de diálogo os participantes estão comprometidos uns com os outros, e se voltam uns aos outros. Enquanto o diálogo técnico é “movido pela necessidade de entendimento objetivo” (BUBER, 2014, p.54) e os participantes mantêm uma conversação a fim de se ter uma explicação objetiva sobre algo. Por outro lado, no monólogo disfarçado de diálogo o outro não é considerado, não é reconhecido e sua presença é indiferente, é um “fantasma sem rosto” (idem).

Para Bakhtin (1992), “a compreensão é uma forma de diálogo” e “compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra” (p. 132), e, nesse sentido exercer a educação como resposta responsável requer que, no diálogo, ele (o outro) se torne uma primeira pessoa, que também fala e, ao fazê-lo, me torna um tu, pois aquele que diz TU não tem coisa alguma por objeto como propõe Martin Buber (2001).

O pensamento bakhtiniano está alicerçado nos pilares da alteridade e dialogia tendo a relação por base (Geraldi, 2003). Nessa perspectiva a alteridade pressupõe o outro como existente, ou seja, reconhecido pelo “eu” como outro que não eu e, a dialogia, qualifica a relação essencial entre o eu e o outro. Contudo, assumir a relação dialógica como essencial na constituição dos seres humanos não significa imaginá-la sempre harmoniosa, consensual e desprovida de conflitos, pelo contrário, é a habilidade de conjugar a diversidade, que é um dos grandes desafios da educação.

Assumindo ser essa uma pesquisa das ciências humanas que tem na relação e interação entre os sujeitos e, portanto na perspectiva dialógica os fundamentos dos estudos dos fenômenos humanos (FREITAS; SOUZA; KRAMER, 2003, p.28), a partir das formas de diálogo apresentadas por Buber (2014), as categorias de pesquisa foram definidas como: I. cuidado autêntico, entendido como interesse pelo outro, não indiferença, responsividade; II. cuidado técnico que se propõe a informar, ensinar, convencer alguém ou, simplesmente, transmitir uma mensagem; III, descuido disfarçado de cuidado em que o outro não é considerado, não é reconhecido e sua presença é indiferente.

**Caminho teórico-metodológico**

O homem transformado em EU que pronuncia o EU-ISSO coloca-se diante das coisas em vez de confrontar-se com elas no fluxo da ação recíproca. Curvado sobre cada uma delas, com uma lupa objetivante que olha de perto, ou ordenando-as num panorama através de um telescópio objetivante de um olhar distante, ele as isola ao considerá-las, sem sentimento algum de exclusividade, ou ele as agrupa sem sentimento algum de universalidade. (BUBER, 1974, p. 33)

Uma pesquisa sobre o cuidado como ação humana estabelecida entre os homens é uma pesquisa que se estabelece na relação eu-tu/eu-isso (BUBER, 2001). Para Buber (2001), a palavra-princípio EU-TU fundamenta o mundo da relação e só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. Cada ISSO pode, se entrar no evento da relação, tornar-se um TU e cada TU em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um ISSO.

Em coerência com o objeto da pesquisa e imbuídos da escolha de pesquisar práticas positivas de cuidado de modo a imprimir relevância às possibilidades e potencialidades dos sujeitos e das escolas, o primeiro passo foi discutir coletivamente os critérios para a escolha das instituições a serem pesquisadas e definiu-se que esse caminho seria trilhado pela familiaridade e indicação, ou seja, escolas com profissional/ais que conhecemos ou temos notícias de que têm boas práticas, e IDEB[[4]](#footnote-4) com índice mínimo de até sete. Além desses, a localização foi também considerada tendo em vista as condições de acesso, a proximidade e ~~a~~ segurança.

Definidos os critérios, numa perspectiva de cuidado com os possíveis campos de pesquisa, o grupo se organizou em duplas que realizaram visitas às instituições sugeridas com o objetivo de apresentar a pesquisa e a disponibilidade de acolhimento, além de ter uma primeira impressão sobre a escola. Este movimento foi norteado pela busca de empatia (Buber, 2004) entre pesquisador e pesquisados:

Introduzir-se com o próprio sentimento em algo, na estrutura dinâmica de um objeto, de uma coluna, de uma árvore, de um ramo de árvore, e inclusive de uma criatura animal ou humana, e procurá-las desde dentro, compreendendo a forma e a agitação do objeto com as próprias sensações musculares, transplantar-se ali, interiormente (sentir o que o outro sente com o próprio corpo). Significa exclusão da própria concretude, extinção da situação vivida, cessação da realidade na qual se participa de forma puramente estética. (BUBER, 2004, p. 25)[[5]](#footnote-5)

Feitas em nome do grupo de pesquisa, essas visitas foram exercícios dialógicos que caracterizam o movimento de estudo exploratório e materializam um ato de cuidado na busca de sentir o que o outro sente e, desse modo, sensibilizar pesquisador e pesquisados da importância do trabalho de pesquisa como ação ética, estética e política. A empatia foi sendo estabelecida a partir da apresentação do projeto e sua finalidade que esclarecia a forma pela qual se chegou a essa escola, ou seja, sua indicação pelas boas e bem-sucedidas práticas desenvolvidas.

Posteriormente, de acordo com a aceitação e acolhimento foi definido o campo de pesquisa composto por seis instituições e, de acordo com os procedimentos éticos de pesquisa foi submetido ao órgão competente o projeto e pedidos de autorização para entrada e realização dos procedimentos. Após a aprovação foi iniciada a aplicação das estratégias metodológicas propostas.

O primeiro passo foi realizar por um período de seis meses durante o ano letivo 2017/18, a observação participante com registro em diários de campo com vistas a captar boas práticas e experiências bem-sucedidas no interior das instituições e sua relação com as famílias e responsáveis, para, a partir delas, identificar os sujeitos a serem entrevistados individual e/ou coletivamente.

Das observações, a partir das ações e falas foram definidas as crianças, sujeitos da pesquisa, e com elas foram desenvolvidas oficinas tomando entre outros, o livro literário[[6]](#footnote-6) como objeto de mediação para conversar, trocar ideias e experiências sobre cuidar e ser cuidado.

A partir da concepção da criança como pessoa em desenvolvimento, que opina, critica e sugere, o exercício de escuta delas foi orientado pela apresentação da pesquisa e seus objetivos, pedido de autorização para gravar a conversa e escolha de local adequado, além da presença de um dos profissionais da escola a quem estavam familiarizadas.

Os responsáveis, professores e profissionais foram escolhidos a partir da indicação das crianças, da comunidade escolar e das observações de sua interação com a criança e a escola. Com estes foram realizadas entrevistas individuais e coletivas em que foi proposta a escuta desses sujeitos, com suas histórias de vida, no entrecruzamento da experiência e rememoração do processo de educação que implica cuidar e ser cuidado.

Nesse movimento assumimos uma postura de pesquisa em que as crianças e adultos são compreendidos na perspectiva de atores sociais na qual as *preocupações e relações éticas entre pesquisador e informantes são as mesmas, quer se trate de conduzir a pesquisa com adultos ou com crianças*. (Ferreira, 2008, p.150)

Os dados coletados neste processo estão nesse momento em análise e seus resultados parciais organizados em textos divulgados em eventos acadêmicos e, posteriormente comporão um relatório de devolução da pesquisa que será apresentado às agências financiadoras e aos sujeitos da pesquisa.

**Considerações para o momento**

Em uma sociedade em que prevalece o egoísmo, a individualidade e relações que deixam a margem o encontro entre o eu/tu e as relações se caracterizam apenas como eu/ isso, pesquisar o cuidado é movimento de resistência e resgate das experiências que humanizam os sujeitos quando se reconhecem como seres coletivos que vivem e convivem em comunidade, sem querer impor ao outro a sua própria realização. (BUBER, 2014, p. 152)

Ressaltar o lugar do cuidado na prática entre os homens é, na verdade, uma busca por provocar o sentimento de comunidade com vistas a superar a ideia de coletividade que, [...] fundamenta-se numa atrofia organizada da existência pessoal; [...] uma fuga da pessoa diante da prova e da consagração da comunidade, diante da dialógica vital que está no coração do mundo e que exige o engajamento de si-mesmo. (BUBER, 2014, p.66, 67)

Entender o cuidado como diálogo e relação é de fato construir novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com o rompimento de relações de dominação. Essa concepção foi norteadora do desenvolvimento da pesquisa ora apresentada que, com vistas a conhecer a história de vida de crianças, professores e famílias, identificando e compreendendo as marcas do cuidar e ser cuidado nas narrativas das pessoas que frequentam creches, pré-escolas e escolas adotou diferentes estratégias metodológicas na escolha do campo e sujeitos da pesquisa, reconhecendo-os como tu nessa relação.

**Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, M **.** *Questões de literatura e de estética*. Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V.N). A palavra na vida e na poesia. In*: Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro e João, 2011.

BARROS, S. *Tatu balão***.** Belo Horizonte/MG: Aletria, 2015.

BUBER, Martin. *Eu e Tu.* Trad. e introdução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. *El caminho del ser humano y otros escritos*. Salamanca: Kadmos, 2004.

BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico.* São Paulo: Perspectiva, 2014.

FERREIRA, M. M.M. “Branco demasiado” ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In. SARMENTO, M.; GOUVEIA, M. C. (Orgs*). Estudos da infância:* educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREITAS, M. T; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (oOrgs.). *Ciências humanas e pesquisa:*Leituras de Mikhail Bakhtin. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, J. V. *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

HAUGTON, C. *Um tanto perdida*. São Paulo: Àtica, 2011.

JEFFERS, O. *Achados e perdidos*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2011.

1. Doutoranda em Educação (PUC-Rio). Contato: rejsiqueira@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Educação (PUC-Rio). Contato: rosianebrandao14@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Pesquisa desenvolvida pelo grupo INFOC (PUC-Rio) sob a coordenação das professoras Sonia Kramer e Maria Fernanda Nunes com o apoio do CNPQ e FAPERJ. [↑](#footnote-ref-3)
4. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. <http://portal.mec.gov.br>. [↑](#footnote-ref-4)
5. Original em espanhol. Tradução e comentário entre parênteses das autoras. [↑](#footnote-ref-5)
6. HAUGTON, 2011; JEFFERS, 2011; BARROS, S., 2015. [↑](#footnote-ref-6)